

O jornalista e o assassino

Janet Malcolm

Uma questão de ética

TRADUÇÃO

Tomás Rosa Bueno

POSFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Otavio Frias Filho

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1990 by Janet Malcolm

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL

The journalist and the murderer

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Flavia Castanheira

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Capa: Colette, Kimberley e Kirsten MacDonald, as vítimas.

Quarta capa: Joe McGinniss, o jornalista (à esquerda) © NYT/

The New York Times/ LatinStock.

Jeffrey MacDonald, o assassino (à direita) © Steve Liss/ Time Life Pictures/ Getty Images.

INDICAÇÃO EDITORIAL

Carlos Maranhão

REVISÃO

Renato Potenza Rodrigues

Adriana Moretto de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Malcolm, Janet

O jornalista e o assassino: uma questão de ética / Janet

Malcolm ; tradução Tomás Rosa Bueno. – São Paulo :

Companhia das Letras, 2011.

Título original: The journalist and the murderer

ISBN 978-85-359-1834-2

1. Assassinos — Estados Unidos — Biografia 2. Ética
jornalística — Estados Unidos 3. Jornalismo — Aspectos sociais
— Estados Unidos 4. Jornalismo — Objetividade — Estados
Unidos 5. Jornalistas — Estados Unidos — Biografia
6. MacDonald, Jeffrey R., 1943- 7. McGinniss, Joe. Visão fatal
8. Reportagens investigativas — Estados Unidos I. Título

11-01876

CDD-174.9097

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética jornalística 174.9097
2. Jornalismo e ética 174.9097

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

O jornalista e o assassino 11

Posfácio da autora 143

Posfácio da edição brasileira 159

Sobre a autora 171

Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas. Tal como a viúva confiante, que acorda um belo dia e descobre que aquele rapaz encantador e todas as suas economias sumiram, o indivíduo que consente em ser tema de um escrito não ficcional aprende — quando o artigo ou livro aparece — a *sua* própria dura lição. Os jornalistas justificam a própria traição de várias maneiras, de acordo com o temperamento de cada um. Os mais pomposos falam de liberdade de expressão e do “direito do público a saber”; os menos talentosos falam sobre a Arte; os mais decentes murmuram algo sobre ganhar a vida.

A catástrofe, para aquele que é tema do escrito, não é uma simples questão de um retrato pouco lisonjeiro, ou de uma apresentação errônea das suas opiniões; o que dói, o que envenena e algumas vezes o leva a extremos de desejo de vingança, é o engano de que foi vítima. Ao ler o artigo ou livro em questão, ele tem de enfrentar o fato de que o jornalista — que parecia tão amigável e solidário, tão interessado em entendê-lo plenamente, tão notavelmente sintonizado com o seu modo de ver as coisas — nunca teve a menor intenção de colaborar com ele na sua história, mas pretendia, o tempo todo, escrever a sua própria história. A disparidade entre o que parece ser a intenção de uma entrevista quando ela está acontecendo e aquilo que no fim ela estava de fato ajudando a fazer é sempre um choque para o entrevistado. A situação deste é semelhante à das cobaias do famoso experimento psicológico de Stanley Milgram (realizado em Yale no início dos anos 1960), que eram levadas a acreditar

que estavam participando em um estudo do efeito da punição sobre o aprendizado e a memória, quando de fato o que estava sendo estudado era a aptidão delas para a crueldade quando pressionadas por uma autoridade. Em uma engenhosa imitação de laboratório, a “cobaia ingênua” — um voluntário que havia respondido a um anúncio publicado em um jornal de New Haven — recebia a instrução de aplicar choques cada vez mais dolorosos a uma pessoa, presumivelmente outro voluntário, a cada resposta errada que este desse às perguntas de um teste. Em *Obedience to authority* [Obediência à autoridade], o livro que publicou descrevendo o experimento, Milgram escreve sobre a sua surpresa com o grande número de cobaias que obedeciam ao experimentador e continuavam apertando a alavanca embora o indivíduo que recebia os choques estivesse gritando de dor — ou melhor, de dor simulada, visto que a coisa toda era uma montagem: o aparelho elétrico ao qual a vítima estava atada era uma peça de cenário e a própria vítima era um ator. A ideia de Milgram fora ver de que maneira um americano comum se comportaria quando colocado em uma situação grosseiramente comparável à dos alemães comuns que recebiam ordens de participar de maneira ativa na destruição dos judeus da Europa. Os resultados não foram nada animadores. Embora uns poucos indivíduos tenham se recusado a prosseguir com o experimento ao primeiro sinal de mal-estar da vítima, a maioria deles continuava docilmente aplicando um choque após o outro. O que interessa, porém, não é o arrepiante experimento de Milgram, mas a *estrutura* da situação: o engano deliberadamente induzido, seguido por um momento de arrasadora revelação. A estonteante mudança de perspectiva experimentada pela cobaia do experimento quando era “desinstruída” ou, como diz Milgram, “deslograda”, é comparável ao deslocamento sentido pelo indivíduo que é tema de um artigo ou livro quando o lê pela primeira vez. A personagem de um escrito não sofre a tensão e a ansiedade por que passa a cobaia do “experimento Eichmann” (tal como foi chamado) — ao contrário, ela goza de uma espécie de férias narcisistas durante o período das entrevistas — mas,

quando chega o momento da peripécia, ela é confrontada com o mesmo espetáculo mortificante de ser reprovada em uma prova de caráter pela qual ela não sabia estar passando.

Contudo, ao contrário do leitor de *Obedience to authority*, a quem Milgram revela os detalhes técnicos do logro, o leitor de um trabalho jornalístico só pode imaginar como foi que o escritor conseguiu fazer com que o entrevistado se expusesse daquele modo. O entrevistado, por sua vez, não estará muito inclinado a fornecer a resposta. Após ser deslogrado, ele se recompõe e afasta-se do desastre, relegando o seu relacionamento com o jornalista à lata de lixo dos casos de amor que acabaram mal e que é melhor esquecer. De vez em quando, o entrevistado fica tão envolvido com o jornalista que não consegue abandoná-lo e até muito tempo depois, quando o livro mortificante já passou para a seção de saldos das livrarias, a relação é mantida mediante o interminável processo que o entrevistado move para manter o escritor ligado a ele. Mesmo nesse caso, porém, a perfídia do jornalista não fica exposta, pois o advogado que assume o caso do entrevistado traduz a sua história de sedução e traição em uma ou várias das narrativas tradicionais dos processos por difamação, tais como injúria de caráter, ou falsa exposição dos fatos, ou franca desconsideração pela verdade.

No verão de 1984, um entrevistado moveu contra um jornalista um processo surpreendente em que a narrativa subjacente de amor traído não foi traduzida em nenhuma dessas narrativas tradicionais, mas foi, em vez disso, contada abertamente — e, além disso, foi contada de modo tão convincente que, no julgamento, cinco dos seis jurados foram persuadidos de que um homem que estava cumprindo três sentenças consecutivas de prisão perpétua pelo assassinato da esposa e de duas filhas pequenas merecia mais simpatia que o escritor que o enganara.

Fiquei sabendo do caso após o fim do julgamento, quando recebi uma carta, datada de 1º de setembro de 1987, de um certo

Daniel Kornstein. A carta, que fora enviada para cerca de trinta jornalistas em todo o país, começava do seguinte modo:

Sou o advogado que defendeu Joe McGinniss, o autor de *Fatal vision* [Visão fatal], em um julgamento de seis semanas de duração recentemente concluído em Los Angeles. Tal como é possível que a senhora saiba, o processo foi movido por Jeffrey MacDonald, condenado por três assassinatos e protagonista do livro de McGinniss.

O julgamento terminou sem que se chegasse a um veredicto. Embora o queixoso não tenha conseguido nada, a possibilidade de um novo julgamento significa que, na verdade, as questões levantadas pelo primeiro estão ainda vivas, abertas, não decididas. Com efeito, uma das juradas — que admitiu não ter lido nenhum livro desde que saiu da escola secundária — disse depois, segundo consta, que teria concedido “milhões e milhões de dólares, para dar um exemplo a todos os escritores, de modo que eles ficassem sabendo que não podem dizer inverdades” àqueles que entrevistam.

Kornstein prosseguia caracterizando o processo — por fraude e quebra de contrato — como uma tentativa “de estabelecer um precedente segundo o qual um repórter ou escritor ficaria legalmente obrigado a revelar o seu estado de espírito e atitude em relação ao entrevistado durante o processo de escrita e de pesquisa”, e falando da “grave ameaça a liberdades jornalísticas estabelecidas” que tal precedente representaria:

Pela primeira vez, permitiu-se que um entrevistado descontente processasse um escritor com base em premissas que tornam irrelevantes a verdade ou a falsidade do que foi publicado. [...] Agora, pela primeira vez, a conduta e o ponto de vista do escritor durante todo o processo criativo tornaram-se uma questão a ser resolvida pelo tribunal do júri. [...] A queixa de MacDonald sugere que os repórteres de revistas e jornais, bem como os escritores, podem ser, e serão, processados por escreverem artigos

verdadeiros, mas pouco lisonjeiros, se por acaso tiverem agido de modo a indicar uma atitude solidária em relação ao entrevistado.

Juntamente com a carta, Kornstein enviou transcrições dos depoimentos de William F. Buckley Jr. e Joseph Wambaugh, que haviam servido de testemunhas periciais para a defesa, e extratos do seu próprio discurso de encerramento, “no qual tentei enfatizar a gravidade e o alcance dessa nova ameaça à liberdade de expressão”. Concluía dizendo que “tanto Joe McGinniss como eu mesmo achamos que o perigo está suficientemente claro e presente para merecer a sua atenção e a sua preocupação”.

Aceitei a oferta de Kornstein — não sei se algum dos demais jornalistas para quem ele escreveu fez o mesmo — e poucos dias depois estava indo de carro para Williamstown, no estado de Massachusetts, para falar com Joe McGinniss na casa dele. Eu aguardava ansiosamente a entrevista, que seria a primeira de uma série de conversações gravadas que McGinniss e eu planejáramos manter nas próximas semanas. Eu nunca havia entrevistado um jornalista antes e estava curiosa a respeito do que aconteceria entre mim e um entrevistado com formação de jornalista, e não ingênuo. Nesse caso, claramente, não haveria nada do mal-estar moral que o entrevistado ingênuo quase impõe ao jornalista como o preço que este deve pagar por mais uma oportunidade de salientar a fragilidade da natureza humana. McGinniss e eu seríamos menos como um experimentador e sua cobaia do que como dois experimentadores caminhando do laboratório para casa e discutindo amigavelmente os problemas da profissão. O gravador conservaria as coisas incisivas que disséssemos; ninguém ia “fazer” nada a ninguém. A conversa seria séria, de alto nível, talvez até animada e espirituosa.

Não foi assim que as coisas se deram. McGinniss recusou o papel de coexperimentador, preferindo o de entrevistado. Após a primeira hora das cinco que passamos juntos, deixei de esforçar-me para preservar o meu roteiro de conversação elevada entre confrades e cedi ao imperativo de McGinniss de que jogásse-

mos o velho jogo da Confissão, mediante o qual os jornalistas ganham o pão e os entrevistados entregam-se ao masoquismo. Pois no fundo, é claro, nenhum entrevistado é ingênuo. Toda viúva ludibriada, todo amante desiludido, todo amigo traído, toda personagem de um texto sabe, de algum modo, o que o espera, e mantém a relação mesmo assim, impelido por algo mais forte que a razão. Que McGinniss, que já entrevistou centenas de pessoas e conhece esse jogo até de trás para a frente, tenha apesar disso se mostrado para mim como um homem na defensiva, farisaico e assustado, só demonstra o poder dessa força. Quando estávamos chegando ao final do dia, ele contou-me um sonho que tivera na noite anterior. “Eu estava no tribunal em Los Angeles, em um segundo julgamento, e disse, ‘Não, isto não pode estar acontecendo. Ainda não estou pronto para isto, é cedo demais, ainda não me recuperei do primeiro’. Quando acordei, hoje de manhã, a minha análise amadora do sonho disse-me que se tratava de uma alusão à nossa conversa de hoje. Ela seria o meu novo julgamento. Não me pareceu muito sutil. A mensagem estava bem na superfície.” Às seis da tarde, o gravador indicou que a fita acabara, e embora McGinniss estivesse esperando que eu pusesse uma nova, resolvi encerrar a entrevista. Quando, dois dias depois, ele me telefonou para cancelar as nossas entrevistas futuras e disse que queria “deixar isso tudo para trás”, não fiquei surpreendida, mas bastante aliviada: havia começado a sentir que a confissão de McGinniss não era nova. Alguém havia estado lá antes de mim, e alguma coisa estava sendo repetida para mim. Poucas semanas depois, ao ler as transcrições do julgamento MacDonald-McGinniss, soube de quem e de que se tratava. Aquilo de que McGinniss não se recuperara ainda — e que estivera sem dúvida revivendo desamparadamente na sua imaginação durante o encontro comigo — era um interrogatório de quatro dias e meio conduzido por Gary Bostwick, o advogado do queixoso. Bostwick malhou McGinniss até que restasse pouca coisa dele. O que McGinniss experimentou durante o julgamento foi o mesmo que se experimenta naqueles pesadelos em que se é pego com a mão na massa, do qual se desperta com lá-

grimas de gratidão por ter sido apenas um sonho. Só a pessoa de coração mais duro poderia ler a transcrição do interrogatório conduzido por Bostwick sem ficar com pena de McGinniss. Mas até o defensor mais incondicional do direito dos jornalistas a fazerem o seu trabalho da maneira desagradável que quiserem não poderia fazer mais que imaginar como McGinniss pôde ter sido imprudente a ponto de deixar atrás de si — na forma de cerca de quarenta cartas a MacDonald — um registro escrito da sua má-fé.

McGinniss tem 48 anos e já publicou seis livros, dos quais o mais recente é *Blind faith* [Fé cega], de 1989. O primeiro, *The selling of the president*, 1968 [A promoção do presidente, 1968], escrito quando ele tinha 26 anos, trouxe-lhe fama e aclamação imediatas. Durante a campanha presidencial de 1968, disputada por Nixon e Humphrey, ele havia sido admitido aos círculos mais íntimos da agência de publicidade contratada por Nixon, e no seu livro ele revelou as técnicas mediante as quais se fez com que Nixon parecesse menos medonho na televisão. Isso aconteceu nos primeiros dias do uso da televisão na política, e as revelações de McGinniss (hoje em dia muito bem-comportadas) pareciam espantosas e ameaçadoras. O candidato derrotado, Humphrey, foi citado na orelha do livro como tendo dito que “o maior erro que já cometi em minha vida política foi não ter aprendido a usar a televisão”, e “estou lutando contra a política do embrulho. É uma abominação um homem colocar-se inteiramente nas mãos de técnicos, de *ghost writers*, de especialistas e de pesquisadores de opinião, que fazem dele apenas um embrulho atraente”.

Durante a nossa conversa, McGinniss contou-me como acontecera de ele escrever *The selling of the president*, e surpreendeu-me ao dizer que fez a proposta de cobrir a campanha de publicidade de uma candidatura presidencial primeiro para o comitê de Humphrey. “O pessoal de Humphrey disse, ‘Você está louco? Isto é tudo secreto. O público não pode ficar sabendo disso. De jeito

nenhum’. A agência de publicidade de Humphrey era a Doyle Dane Bernbach, um grupo muito sofisticado que reconheceu imediatamente que um livro que chamasse a atenção para o processo viria contra os seus interesses, de modo que me negaram qualquer acesso. O pessoal do Nixon era tão ingênuo que chegava a comover. Disseram, ‘Oh, nossa, é mesmo — um livro? Sim, claro’. Eram pessoas que não estavam acostumadas a que alguém escrevesse sobre elas.” Então, como se o fantasma de Bostwick tivesse acabado de aparecer ao lado dele, McGinniss acrescentou: “Mas não se pode dizer que eu tenha sentido que fosse a minha obrigação dizer todas as manhãs, quando chegava no escritório deles, ‘Senhores, tenho que lembrar mais uma vez que sou um democrata registrado que pretende votar contra o sr. Nixon e que acha que o que vocês estão fazendo — tentar enganar o povo americano — é sinistro e malévolo, e que tenho a intenção de retratá-los em termos que não vão considerar lisonjeiros’. Não me sentia na obrigação de fazer essa declaração. E, quando eles estavam falando sobre o que estavam fazendo e me perguntavam, ‘O que é que você acha disto?’, eu dizia, ‘É, parece bom’, se eu achasse que estava sendo feito com eficiência. Tentei tornar a minha presença tão discreta quanto possível. E quando o livro foi publicado, eles reagiram indignados ou divertidos, dependendo do senso de humor ou do grau de paixão nixoniana de cada um. Mas nenhum deles pensou que poderia processar-me por ter sido levado a acreditar que eu teria feito algo diferente do que fiz”.

O livro seguinte de McGinniss foi um romance, *The dream team* [A equipe dos sonhos], que foi um fracasso de público e de crítica. Depois disso, em 1976, ele publicou um livro curioso, chamado *Heroes* [Heróis]. Trata-se de um trabalho confessional que — como muitos exercícios desse tipo — confessa algo que é diferente daquilo que aquele que faz a confissão pensa estar confessando; ao transformar-se em personagem, o autobiógrafo prepara-se para uma traição não menos profunda que a que chama a si aquele que é personagem dos escritos de outra pessoa. *Heroes* mistura capítulos sobre (entre outras questões pessoais) a inca-

pacidade de McGinniss em ser bom para a sua namorada, Nancy Doherty (que é hoje a sua segunda esposa), devido à culpa que ele sente por ter deixado a esposa e três filhos, com capítulos sobre encontros com figuras públicas como Eugene McCarthy, Ted Kennedy, Daniel Berrigan, George McGovern, William Westmoreland e William Styron, que o desapontam e confirmam a sua opinião de que não há mais heróis no mundo. Antes do seu encontro com McCarthy, para um almoço em um restaurante, McGinniss ensaia o que vai dizer:

O que eu queria dizer para ele era: “Veja! Você já esteve no centro das coisas. Tudo girava em torno de você. Você havia transformado todo o seu universo em uma bola que você segurava com as mãos e ninguém podia tocá-la. Agora isso se foi. O momento passou. Não vai voltar”. Queria dizer que eu também já havia estado no centro das coisas: com 26 anos havia escrito um livro que se tornara o mais vendido entre os livros não ficcionais nos Estados Unidos. Esse livro teve resenhas favoráveis em quase toda a parte. Foi considerado importante e, como o seu autor, eu também era importante. A pessoa mais jovem (segundo me disseram) a escrever um livro que se tornou o primeiro colocado na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Sem contar Anne Frank. Depois disso o momento passou. De muitas maneiras, do mesmo modo que McCarthy dera a impressão de fazer, eu havia tentado fazer com que ele passasse. Parte dele precisava não vencer. Parte de mim precisava não ter sucesso. [...] Agora, eu queria perguntar a Eugene McCarthy, *O que é que acontece depois? Onde é que está o centro das coisas? Por que é que não ficamos lá? Será que algum dia voltaremos para lá?*

McCarthy desaponta McGinniss com sua reserva e opacidade. Não se trata de “um homem inclinado a fazer intimidade rapidamente”, relata McGinniss, e, para evitar uma expedição etílica que McGinniss organizou quando Howard Cosell apareceu no restaurante, McCarthy saiu de fininho enquanto McGinniss estava no banheiro. Ted Kennedy é igualmente fechado. Em Berrigan,

McGinniss encontra o interlocutor expansivo que estivera procurando, mas na manhã seguinte à noite regada a álcool em que os dois conversaram, McGinniss abre o caderno de anotações no qual ele havia registrado as análises de Berrigan e em vez das “anotações disciplinadas e precisas de um profissional treinado”, tudo o que ele encontra são garranchos ilegíveis e o final de uma piada de mau gosto. A não ser por uma única notável exceção, as histórias que McGinniss conta sobre si mesmo em *Heroes* são bem pouco surpreendentes. A exceção é um extraordinário incidente que tem lugar às dez e meia da manhã na cozinha da casa de William Styron em Martha’s Vineyard, onde McGinniss passou a noite — a maior parte dela bebendo com Styron, cujo livro *Lie down in darkness* [Deite-se nas trevas] ele lera quatro vezes. McGinniss escreve:

Acordei às dez e meia e, embora não estivesse ainda bêbado, não estava exatamente sóbrio. A manhã estava sombria e úmida. Desci para a cozinha, procurando algo para comer. Abri a geladeira. A primeira coisa que vi foi a lata de carne fresca de caranguejo, enlatada a vácuo, enviada da Geórgia. Na noite anterior, ele havia falado com detalhes a respeito daquela carne de caranguejo. Era a única carne de caranguejo enlatada dos Estados Unidos, disse ele, que tinha gosto de caranguejo fresco. Era muito cara e extremamente difícil de conseguir, e uma das suas comidas favoritas. Ele estava reservando aquela lata para uma ocasião especial, porque era a última que ele poderia conseguir antes do verão seguinte.

Abri a lata. Ela deu um assobio, como um pacote de café ou como bolas de tênis. Comi um pedaço. Era uma delícia. Fui rapidamente até a despensa e peguei um pouco de farinha. Depois, um pouco de Tabasco e de molho Worcestershire. Depois tirei da geladeira ovos, leite, creme sem soro, manteiga e pimenta verde. Depois, torrei uns cubinhos de pão. Tinha que aprontar tudo antes que ele acordasse. Misturei, enrolei, mexi e derramei, durante vinte minutos. Depois disso, pus tudo no forno. Estava fazendo uma torta de carne de caranguejo: uma receita original.